Muriaé

150 anos de História

Revista Comemorativa do
Sesquicentenário de Muriaé
1855 - 2005

Administração
2005 - 2008

Muriaé 150 anos de História

Revista comemorativa do Sesquicentenário de Muriaé

Realização:

Prefeitura Municipal de Muriaé – Administração 2005-2008
Prefeito: José Braz – Vice-Prefeito: Rodrigo Guarçoni
Fundarte – Fundação de Cultura e Artes de Muriaé
Diretora: Gilca Maria Hubner Napier Porcaro

Pesquisa e Redação: Adellunar Marge
Arte e Diagramação:
Alexandre Augusto de Andrade Gomes,
João Carlos Pereira Vargas

Sumário

Breve Histórico de Muriaé 2
Certidão de Idade de Muriaé 5
A Origem do Nome 6
Nascimento e Evolução de Muriaé 8
Muriaé nos Séculos XIX, XX e XXI 10
A Revolta dos Turcos de 1918 13
Memórias da Praça João Pinheiro 16
O Nosso Rio Muriaé 18
Simbologia da Bandeira 20
Mapa do Município de Muriaé 22
Dados Geográficos do Município 23
Hino a Muriaé 25
Prefeitos de Muriaé
1861 – 1936 26
1936 – 2004 27
2005 – 2008 28
Vereadores de Muriaé 28

Colaboradores:
Alexandre Augusto de Andrade Gomes
Bruno Campos de Morais,
César Augusto Bianchi Botaro,
Eudoxia Augusta Canedo Montezano,
Fábio Almeida Vieira,
Filomena Rodrigues Monteiro do Nascimento,
João Camilo da Silva Sobrinho,
José Henrique Dias Maia,
Luciana Gomes Furtado Goulart,
Maria de Fátima Barbosa,
Poliana Santos Ferrarez,
Rita de Cássia de Matos Barroso Rodrigues.

Muriaé

150 anos de História

Revista Comemorativa do
Sesquicentenário de Muriaé
1855 - 2005

BREVE HISTÓRICO DE MURIAÉ

Guido Marliére

Gonçalo Gomes Barreto, foi o terceiro Diretor de Índios do Presídio, ou São João Batista do Presídio (que é hoje a cidade de Visconde do Rio Branco). As referências a seu respeito afirmam ter sido um homem de temperamento amável e de bom relacionamento com os escravos (que possuía em grande número) e com os indígenas, que nele confiavam. Foi nomeado para o cargo por **Guido Thomas Marliére**, para suceder a José Ferreira da Silva, na Direção dos índios.

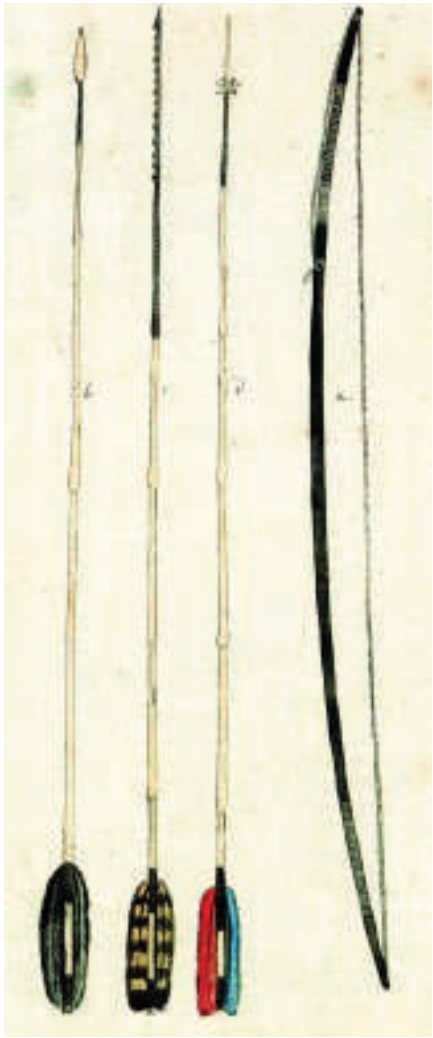
Às vezes não possuía a energia necessária para conter os abusos que eram cometidos contra os indígenas e, conforme relata o historiador Oíliam José, chegou até a ser advertido por Guido Marliére que o instava a ser mais ativo e vigilante para prevenir delitos e castigar os responsáveis, quando necessário.

Foi Gonçalo Gomes Barreto quem financiou, a pedido de Marliére, a expedição de **Constantino José Pinto** até a região dos ribeirões "Sargento João do Monte" e "Robinson Crusoé", que formam o rio Muriaé. Dessa expedição nasceria a Povoação de **São Paulo do Manoel Burgo**, que daria origem a Muriaé.

Não era fácil, àquela época, penetrar pelos sertões da Mata Mineira. Principalmente porque a região se localizava dentro da região demarcada como o "proibida" à exploração. Diogo de Vasconcelos em "A História Média de Minas Gerais", afirma que, até 1784, apenas os

Os índios Purís foram os primeiros habitantes da região de Muriaé. Vindos do litoral norte do Estado do Rio e sul do Espírito Santo. Fugidos dos portugueses, ocupavam a região dispersos na mata, sem uma aldeia delimitada. A gravura de Rugendas mostra as feições que podemos ainda encontrar entre os habitantes atuais da cidade.

Ao lado vemos os Índios Purís em sua cabana bastante primitiva. Abaixo, Arco e Flechas usadas por eles. Desenhos do livro "Viagem ao Brasil" do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied.



aldeamentos do Pomba e do Presídio de São João Batista, mereceram diligência oficial. O restante, que constituiria a Zona da Mata, permanecia ignorada. Foi o governador Luiz da Cunha Meneses, quem mandou explorar e abrir para o povoamento, as chamadas "áreas proibidas". Encarregou o Sargento-mor do Regimento dos Dragões, **Pedro Galvão de São Martinho** da tarefa de estudar a área e propor uma maneira eficiente de garantir os interesses da Coroa na região, agora aberta ao povoamento. O interessante, como registra Paulo Mercadante em sua obra "Crônica de uma Comunidade Cafeeira", pág. 25, é que na mesma portaria designando o Sargento-Mor Pedro Galvão de São Martinho, o governador Luiz da Cunha Meneses designa também o **Alferes Joaquim José da Silva Xavier,** o **Tiradentes**, que à época fazia a ronda do mato, para acompanhar o Sargento São Martinho, na qualidade de perito, com a missão de avaliar o potencial aurífero daqueles sertões, fazer um levantamento dos rios que cortavam a região, do número de habitantes instalados e de que viviam esses habitantes.

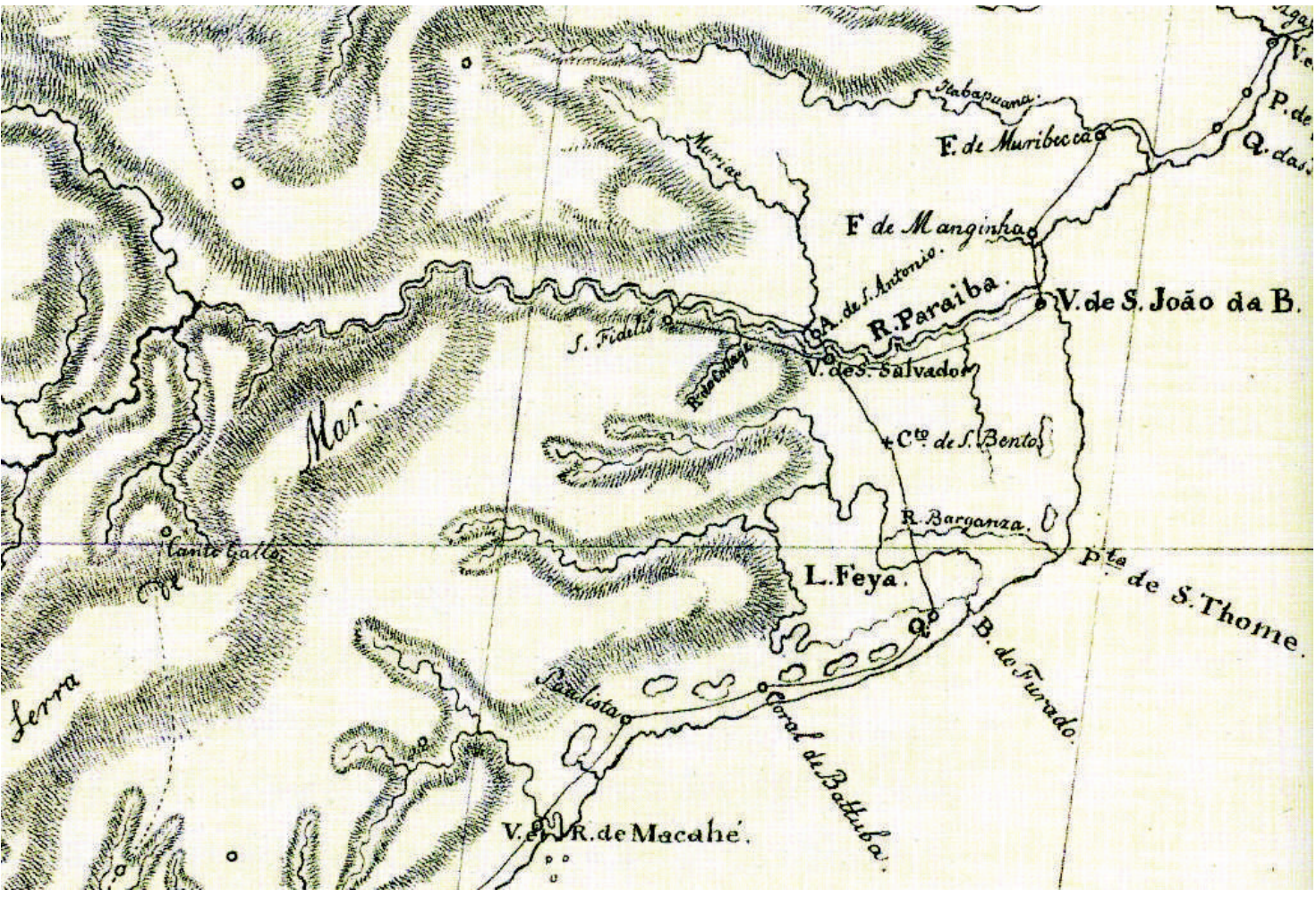
Constantino Pinto aparece aqui na única imagem que restou dele: um retrato apagado, pendurado na parede, em uma foto antiga. Ele chegou em Muriaé, acompanhado de 40 soldados, com a missão de civilizar os índios e povoar a região.

Índia Purí em gravura de Rugendas - artista francês que esteve no Brasil entre os anos de 1821 e 1823, voltando em 1842.

A região era muito vasta. A área, antes proibida, estendia-se a partir de Mar de Espanha, numa faixa inicialmente estreita de mata que ia se alargando em direção à floresta capixaba. Eram matas quase impenetráveis, cortadas por brejos insalubres, que só conseguiram ser domadas pelo espírito forte e ousado do desbravador destemido que se aventurava por estas paragens.

Foi nesta região, de difícil acesso e de matas e capoeiras hostis, que iria surgir a nossa Muriaé. Como a maioria das cidades, Muriaé também nasceu ás margens de um rio, o rio que lhe deu o nome.

Mapa de 1816 mostrando o Rio Muriaé desaguando no Paraiba. Do livro "Viagem ao Brasil" do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied.

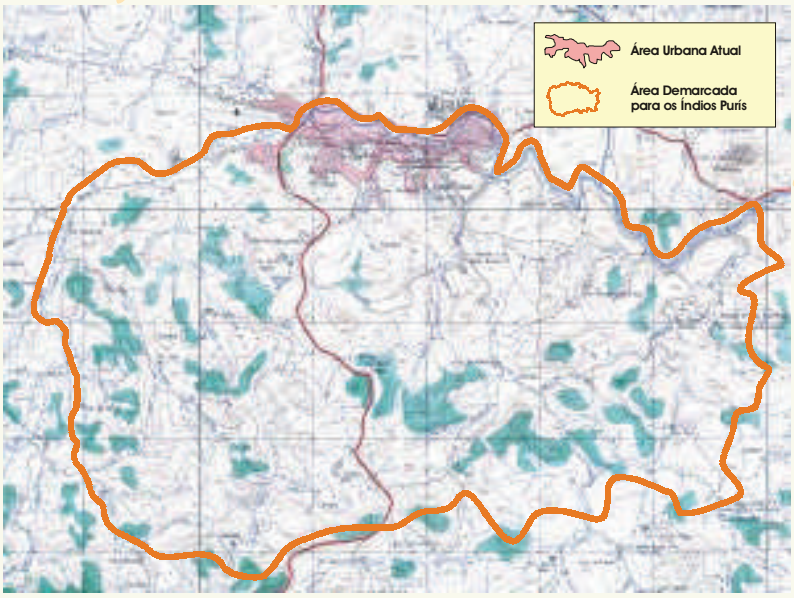


CERTIDÃO DE IDADE DE MURIAÉ

O mais velho documento até agora encontrado sobre Muriaé, sendo mesmo o que se pode denominar de sua certidão de idade ou registro de nascimento, é o Auto de Medição das terras destinadas aos índios, feito pelo Medidor Aprovado, vindo da cidade de Mariana. A locação foi realizada com a presença de Marlière, assistido pelo Alferes João do Monte, seu auxiliar.

Esse auto faz parte da documentação do Serviço de Índios recolhida ao Arquivo Público Mineiro, tendo sido transcrito na Revista do Arquivo Público Mineiro, ano II, páginas 16 e 17. Está redigido nos seguintes termos:

"Francisco de Paula Silveira Alferes do Destricto de S. Joze do Barroso Termo da Lial Cidade de Marianna medidor aprovado. Aos trinta e hum dia do mez de Agosto de mil oito sentos e disanove no Quartel do Cap.m e Deretor Geral dos Índios Guido Thomas Marlière em S.m Paulo de Manoel Burgo, prezente o Alferes Commandante da 2ª devizão Militar do Rio Doce João do Monte da Fonseca; por elle Cap.m, me foi dito, que tinha Provizão da Junta Militar da Conquista e Sivilização dos Índios desta Capitania de Minas Geraes de vinte e cinco de Maio deste anno para fundar hum Estabelicimento para Índios Puris; levantar Igreja para elles, e demarcar-lhes terras quantas fossem bastante para sua Cultura, e Sustentação, neste Sertão do Muriahé; e me ordenava que com os meus Ajudantes Lucio Pires Ribeiro, e Joaquim José de Oliveira, medisse e demarcasse nove mil braças em quadra para este fim; principiando minha medição pela parte de cima em hum Rebeirão que corre do Sul para Norte e fas Barra no Rio do Robison Cruzoé; a Cujo Rebeirão, por esta cauza, demos o nome de Divizorio; servindo as suas agoas de Lemite natural entre as posseçoens dos ditos Índios, e dos Portuguêzes que pelo fucturo vierem povoar o Sertão. Alli, que se contão onze legoas medidas e demarcadas do Prezídio de S.m João Baptista ao dito Ribeirão Divizorio, voltemos para o rumo do Oeste para Leste, pelo Rio do Robison Cruzoé abaixo, e medimos nove mil braças, ou tres Legoas, que findarão em hua grande varje de muitos tacoarussus, e cortada por hum Valão ahonde se acha hum Páo de Jacarandá preto ahi nassido, em que fizemos tres Cruzes a golpes de machado; Cujo sítio se acha vista de hua grande Pedra ao Norte que representa hum Castello, (hoje Pedra Santa Maria), servindo deste modo o Rio de Robinson Cruzoé e parte do Muriahé, de limites ao Norte. - E voltando para o Sul fomos à Serra que divide as agoas do Pomba com o Muriahé no alto do qual se ade fincar hum Padrão Lavrado de quatro faces, que fique servindo de Limites entre as terras dos Puris, e o Sertão do Leste. E para concluir a quadra de Leste para o Oeste o dito Cap.am de Cavalaria de Linha e Derector Geral declarou que a dava por feita e acabada pois não avia feixo milhor do que o ponto mais elevado da mesma Serra. Nesta forma dei por feita e acabada a medição e demarcação das ditas terras. - E para constar fizemos este Termo neste ja referido quartel por mim feito e sob escrevido, asim como todos os àsima nomeados, aos tres de Setembro de mil oito sentos e dezanove, dia em que findou a medição: - João do Monte da Fonseca - Alf.s Comm.te de 2.ª Divizão. - Lucio Pires - Joaquim Joze - Francisco de Paula Silveira - Guido Ths.° Marliére, Director Geral."



A área demarcada para servir de terras dos Índios Purís ía da região do Córrego Divisório à Pedra Santa Maria, indo fechar o quadro na região do Belvedere.

A Origem do Nome da Cidade

Há muitas versões para a origem do topônimo Muriaé. Algumas, aceitáveis, outras, carregadas de especulações fantasiosas. O certo é que quando o branco colonizador aqui chegou, o rio já era chamado pelos silvícolas pelo nome de Muriaé, ou uma palavra de sonoridade parecida.

De acordo com as especulações de diversos pesquisadores, temos diversas possibilidades para a origem do topônimo "Muriaé". Pesquisas mais aprofundadas, no futuro, talvez possam nos indicar a origem mais provável do nome dado a nossa cidade. Ninguém sabe, por exemplo, quando o próprio rio recebeu o nome de Muriaé. **Couto Reis**, em seu relato sobre a região de Campos dos Goitacases, já utilizava o nome "Moriaé" para se referir ao nosso rio. Seria necessária uma pesquisa sobre o dialeto dos puris, que habitavam a nossa região, mas não existe um estudo lingüístico sobre o referido dialeto. Segundo Oíliam José, Muriaé teria sua origem no dialeto tupi e significaria **"o que grita", ou "o que chora ou lamenta"**. Segundo **Salvador Pires**, "Meru-aé", significando o mosquito diferente e mau, poderia ter dado origem ao topônimo do rio e de nossa cidade. Teria evoluído das formas: "Mber-u-aé" que significariam: mbir=pele, ú=morder, Aé=diferente, outro. Ou, "Aen-

O Rio Muriaé constantemente alagava toda a cidade devido a uma cachoeira existente na direção da Praça do Rosário. Esta cachoeira foi totalmente demolida em 1948, melhorando assim as condições de salubridade da região. Ao lado vemos a cachoeira antes da demolição.

ahe"=mau, perverso. O que nos levaria a supor que significasse: **"O mosquito mau ou diferente que pousa ou morde a pele".**

Segundo **Theodoro Sampaio** "Muru-aé ou Meru-aé"= **moscas que afligem, mosquitos que atacam**, seria a etimologia mais aceitável.

Se optarmos pela origem tupi, teríamos também várias versões. "Mboriahu", significaria **aflição, pobreza**. Ou "Meruim-hu" = **rio dos mosquitos**.

Apesar das inúmeras tentativas de explicações, o tema continua em aberto para especulações. No entanto, há de se considerar que em quase todas as possíveis versões existe uma confluência para se ligar a origem do topônimo à característica palustre e aos males provocados pelos mosquitos, abundantes na região.

Como a história registra que a região, em seu início de povoamento era uma região palustre e que até pelos finais do século XIX possuía uma incidência altíssima de febre amarela, é de se supor que as opções etimológicas mais plausíveis sejam aquelas que ligam o significado do nome aos mosquitos abundantes na região palustre onde surgiria a nossa cidade e à febre que provocavam. Aliás, em uma das mais antigas menções ao vale do Muriaé, datada de 1785, **Couto Reis** descreveu a região realçando-lhe as condições "horrorosas e pestíferas de suas entranhas", cuja colonização só foi possível graças à coragem dos primeiros desbravadores que, "fazendo fogos, descortinando matas e purificando ares, tornaram os sertões menos rigorosos". Para se ter uma idéia das condições de saúde da região, tomemos como base um antigo registro citado pelo Almanaque das Casas Americanas de 1914, que afirma que de 550 crianças nascidas até 31 de dezembro de 1876, nas quatro freguesias do município, 83 faleceram, ou seja, 15% de óbito infantil.

O Rio Muriaé num trecho da Avenida Juscelino Kubitschek.

Nascimento e Evolução de Muriaé

O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied esteve no Brasil entre os anos de 1815 e 1817 e contou sua aventura no livro "Viagem ao Brasil".

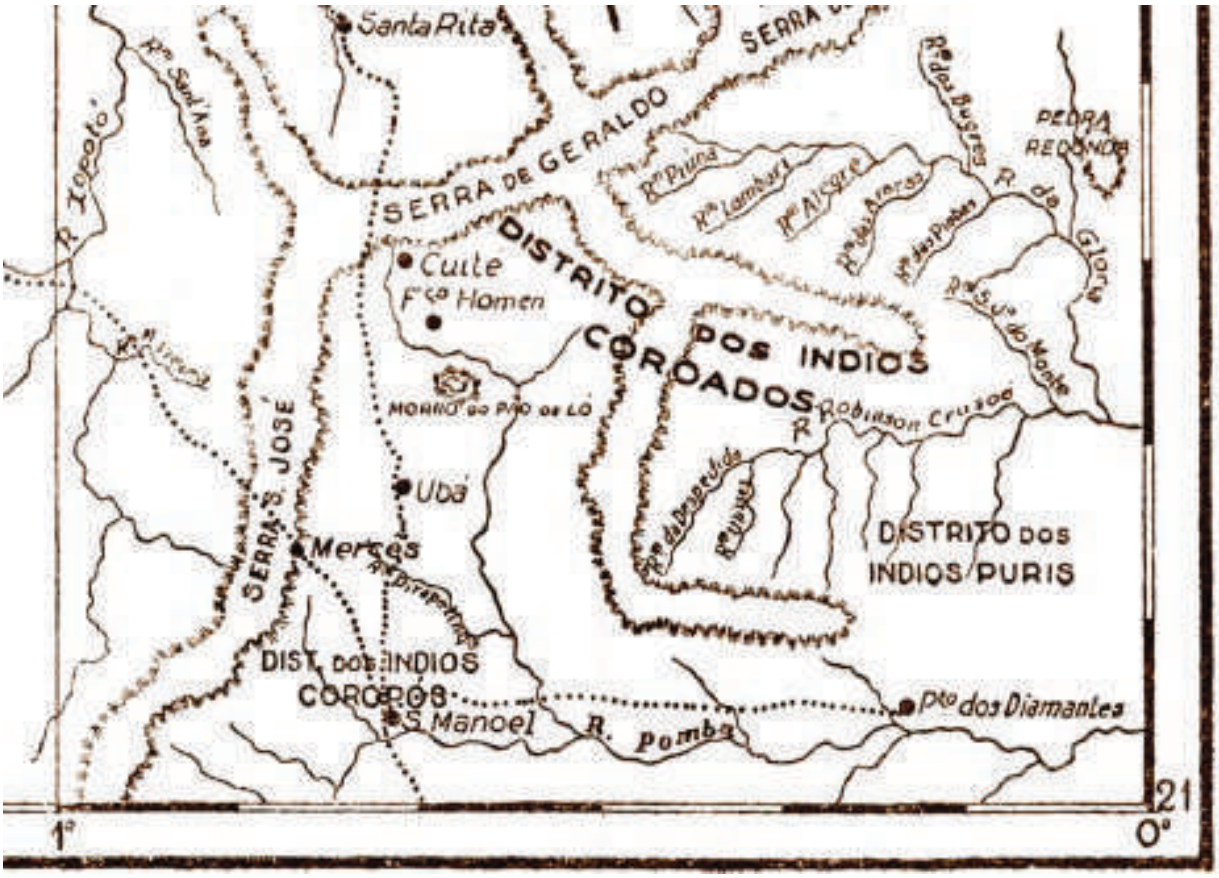
Príncipe Maximiliano

W. L. Von Eschwege in "Pluto Brasiliensis", Cia. Editora Nacional, faz menção a atividades agrícolas de cana-de-açúcar, em nossa região, quando registra, em carta-mapa, o **Rio Robinson Crusoe**, na primeira década do séc. XIX.

O **Príncipe Maximiliano**, em registro de sua notável viagem, fez também referência a produção de açúcar e a existência de engenhos juntos ao "pequeno Rio Muriaé. Esses relatos deixam claro que muito antes de Guido Marliére ter nomeado Constantino Pinto primeiro "Diretor dos Puris", aqui em nossa região já existiam fazendas desenvolvidas.

Mas foi nos idos de 1819 que Constantino José Pinto chegou a nossa região, nomeado pelo oficial da Diretoria Geral dos Índios da Província de Minas Gerais, Guido Tomaz Marlière. Vinha, Constantino Pinto, com a missão de civilizar e preparar as condições para a catequização dos índios Purís que aqui habitavam.

Desceu pela confluência dos ribeirões Robinson Crusoe e João do Monte, formadores do rio Muriaé e dali dirigiu-se até o local onde se ergue hoje a Igreja do Rosário, fundando, ali, o aldeamento dos índios e demarcando as terras



O Barão Wilhelm Ludwig Von Eschwege trabalhou no Brasil entre os anos de 1808 e 1821. O seu mapa da nossa região mostra o Rio Muriaé, que na época levava o nome de Rio Robinson Crusoé, apenas no trecho acima do Rio Preto (na época chamado Ribeirão João do Monte).

A Poaia é uma planta medicinal, cujas raizes são usadas para tratar as vias respiratórias. Foi a primeira atividade econômica de Muriaé. Era tão valiosa que tinha cotação na bolsa de valores de Londres. Foi tão explorada na época que acabou entrando em extinção.

destinadas ao plantio para o sustento dos silvícolas. Nascia **São Paulo do Manoel Burgo**.

Por aqui passariam a aportar extratores de madeiras-de-lei e principalmente de plantas medicinais que aqui chegavam em busca de raízes de ipecacoanha, chamada vulgarmente de **poaia**. O povoado cresceu rapidamente, a princípio com uma só rua ao longo do rio, dando origem ao "Porto", à "Barra" e à "Armação", em razão do rio que margeavam, depois, disseminando o seu casario em todas as direções.

Em 1841 já era Distrito do município de São João Batista do Presídio (atual Visconde do Rio Branco) e subordinado, eclesiasticamente, à Santa Rita do Glória (atual Miradouro). Em 16 de maio de 1855, pela lei nº 724, já agora com o nome de São Paulo do Muriahé, desmembra-se de São João Batista do Presídio.

Lei nº 724 de 16 de maio de 1855

"Francisco Diogo Pereira Vasconcelos, Presidente da Província de Minas Gerais. Faço saber, etc.

Art. 1 – Fica elevada à categoria de Vila a Freguezia de S. Paulo do Muriahé, com a mesma denominação.

Art. 2 – O seu município compreenderá as Freguezias de S. Paulo, de N.S. do Glória e da Conceição dos Tombos de Carangola.

Art. 3 – Os habitantes deste município ficam obrigados a prontificar à sua custa a respectiva casa da Câmara e cadeia.

Art. 4 – Logo que houver casa para as sessões da Câmara e do Jury, será instalada a Nova Vila.

Art. 5 – Este município pertencerá à Comarca de Muriahé.

Art. 6 – Ficam revogadas as disposições em contrário.

A Vila de São Paulo do Muriahé seria elevada à condição de cidade pela lei nº 1257, de 25 de novembro de 1865. Mas foi pela lei nº 843, de 7 de setembro de 1923 que teve sua denominação reduzida para Muriahé. Em 1930 a reforma ortográfica suprimiu-lhe o "h".

Muriaé nos Séculos XIX, XX e XXI

O Café, a Agropecuária, a Rodovia Rio-Bahia e as Confecções.

As últimas décadas do séc. XIX alcançaram o município de Muriaé já como grande produtor de café, condição que manteve até meados do século XX. A monocultura cafeeira foi a primeira grande promotora do desenvolvimento econômico do município. Os coronéis, proprietários das grandes fazendas produtoras, representavam, não só a elite econômica da região, como também sua expressão política, com forte influência no cenário político do estado e do país. Era o "ouro verde" promovendo o desenvolvimento da nossa região e do país. A riqueza, no entanto, concentrava-se nas mãos de uns poucos, não promovendo benefícios às extensas camadas populacionais que aumentavam a cada ano.

A crise de 1929, com o "cracking" da Bolsa de Valores de Nova Iorque, viria afetar profundamente a economia do país e do nosso município. O café, sustentáculo da nossa economia durante décadas, perdia o seu valor como produto de exportação, abalando a nossa

O café chegava aos armazéns no lombo de tropas de burros. Os grandes comerciantes exportavam o produto pelo porto do Rio de Janeiro. Abaixo vemos o armazém de Afonso Canedo.

João Ventura Júnior, imigrante português, fez fortuna plantando e comercializando café. Mandou construir o Grande Hotel Muriahé, inaugurado em 1904, usando técnicas portuguesas de construção.

estrutura econômica. Mas a economia do nosso município e da região voltaria a crescer durante a fase getulista, principalmente após a abertura da estrada Rio-Bahia, inaugurada por Getúlio Vargas em visita a nossa cidade em 1939. O grande fluxo de veículos trazido pela nova rodovia inseriu Muriaé entre as cidades de maior progresso da região. A monocultura cafeeira cedia espaço a outras atividades econômicas.

A produção leiteira intensificou-se, chegando Muriaé a ocupar, durante muitos anos, lugar de destaque no ranking nacional, em virtude, principalmente, da apuração do rebanho com seleção de matrizes e avanços técnicos no manejo.

A Rodovia Rio-Bahia passava inicialmente pela Rua Capitão Gil Moreira. Ao lado vemos a Procissão de São Cristóvão de 1957. Nesta época a cidade toda se movimentava para a benção dos automóveis.

Acima, a sala de acabamento da Cuecas Lecoy, com produção diária de 25.000 peças. Ao lado e abaixo a Central da Pronta Entrega de Muriaé - local de comercialização no atacado e varejo do pólo confeccionista.

A mecânica automotiva atingia grande expressão a partir da década de 60 do século passado, sendo referência nacional no ramo da retífica de motores. Muriaé diversificara a sua economia.

A partir da década de 80, uma outra grande e promissora atividade surgia em nosso município: a indústria de confecções. O espírito empreendedor e ousado do empresário muriaeense acompanhou o avanço tecnológico do ramo, dotando nossas indústrias de confecções dos mais modernos processos de fabricação, facilitando as exportações, inclusive, para países do Mercosul.

Hoje, com cerca de cem mil habitantes e uma economia diversificada, Muriaé ocupa lugar de destaque entre as vinte maiores cidades do estado, transformando-se em um pólo de referência econômica, cultural e, especialmente, na área da educação superior, em toda a Zona da Mata.

Apesar do grande crescimento, Muriaé consegue conciliar progresso com preservação do meio ambiente.

A REVOLTA DOS TURCOS DE 1918

Um Episódio Marcante Na História De Muriaé

O nome "Revolta dos Turcos", já carrega em si, *ab initio*, uma impropriedade pois, na realidade, jamais houve imigração de turcos para a nossa cidade e sim de sírios/libaneses. O termo "turco" foi sempre usado, no entanto, por grande parte da população, para se referir àqueles imigrantes sírios/libaneses que aqui chegaram, se estabeleceram e constituíram famílias, integrando-se, com o passar dos anos, à comunidade muriaeense. São inúmeras as famílias de origem árabe em nossa cidade. O nome "turco", dado a todo árabe que aqui aportava, deve-se ao fato de os turcos ou otomanos, terem dominado todo o Oriente Médio e boa parte da Ásia, até a eclosão da primeira grande guerra mundial, que teve início em 1914.

É de se ressaltar, também, que grande parte daqueles imigrantes árabes que chegavam ao Brasil, vinham com passaportes emitidos pelas autoridades turcas.

A maior parte desses árabes eram libaneses, descendentes diretos dos fenícios povo do qual herdaram a veia comercial. Adaptaram-se bem ao Brasil e percorreram o seu interior como mascates, ou vendedores ambulantes, levando aos mais longínquos rincões as últimas novidades dos tecidos e do armarinho, de um modo geral. Pelo seu temperamento pacífico e sua facilidade em estabelecer relações, seria impossível, a esse povo, promover uma "revolta armada" em nossa cidade.

Rua Doutor Alves Pequeno - palco principal da "Revolta dos Turcos". A Casa Colosso ficava na esquina desta rua com a Rua Dr. Antônio Canedo.

A chamada "Revolta dos Turcos" foi, de fato, um equívoco de nomenclatura histórica, pois na realidade nunca houve uma "revolta" por parte dos sírios/libaneses, mas sim, um episódio isolado, provocado pelos ânimos exaltados de algumas pessoas.

Para se entender o episódio de vinte e cinco de agosto de 1918, é necessário entender a própria realidade econômica e social da época. Ao final da primeira Guerra Mundial o mundo atravessava uma período de grave crise econômica e social que, obviamente afetava o Brasil e a nossa cidade. A retração econômica, o desemprego eram apenas alguns dos componentes da crise social que provocava a insatisfação popular.

Os jornais da época, como o Alto Muriahé de 5 de setembro e o Germinal, de 3 de setembro, registraram o episódio daquele domingo, 25 de agosto de 1918.

Segundo relato do "Germinal", na

noite de 21 de agosto, reuniram-se no vasto salão do Cinema São Paulo os representantes do "Centro de Resistência Operária". Uma multidão imensa afluiu ao local, segundo relato do jornal. Ainda segundo o jornal, eram pessoas simples e pobres que, naquela reunião, pediam à Câmara Municipal "providências enérgicas contra os exploradores e açambarcadores. A multidão delirava diante dos brilhantes oradores, Dr. Itagyba de Oliveira e Dr. Miguel Timponi, este último, presidente do novo centro. Nada porém se conseguiu de concreto naquela reunião de 21 de agosto.

A sessão seguinte, realizada no dia 25 de agosto, foi mais tensa. O vasto salão, repleto de participantes, permanecia calmo e em ordem. O Dr. Miguel Timponi, presidindo a sessão, passou a palavra ao secretário geral que leu a ata. É então dada a palavra ao Dr. Itagyba de Oliveira, que usa da palavra por meia hora, falando sobre o operariado e a política brasileira e conclamando os participantes a lutarem por seus direitos. O Dr. Miguel Timponi, orador emérito, falou em seguida a respeito da organização do novo Centro e nomeou uma comissão composta pelos senhores: Dr. Mário Macedo, Prof. José Paulino, Tenente Ladislau Andrade e Jayme Cysneiros, este último, um dos diretores do jornal "Germinal".

Depois, falando aos operários, o Dr. Miguel Timponi perguntou se eles queriam formar uma representação para exigir da Câmara Municipal uma atitude contra o que eles consideravam "atos explorativos dos negociantes da cidade". "*Nenhuma voz se manifestou em apoio à sugestão, numa delirante aclamação todos unos e coesos, recuaram. Ninguém pediria mais nada á Câmara da cidade*" (citação do jornal).

Neste momento o Dr. Timponi concitou os operários a se unirem com calma e energia, passando a palavra ao operário João A. S. Monteiro que "interpretou os sentimentos da sua classe oprimida e vilipendiada" afirmando que "os seus colegas não queriam a violência e sim os seus direitos tão menosprezados pelos açambarcadores da cidade. Ninguém mais usou da palavra e após encerrada a sessão pelo presidente, todos saíram em calma e aplaudindo.

Todos se dirigiram ao Café São Geraldo e lá, novamente o Dr. Timponi tomou a palavra para pedir aos operários "que não fizessem manifestações hostis a quem quer que fosse, nem por palavras nem por atos". Um operário moveu-se aos vivas e protestou contra a exploração.

De repente, quando desciam em direção à esquina da rua São Paulo, ouviu-se um tiro e, em seguida, um forte tiroteio. Na rua, a grande massa popular, composta de mais de 500 pessoas, tendo entre eles cerca de 7 ou 8 homens armados, desferiu um intenso tiroteio contra a Casa Colosso, que durou cerca de 20 minutos. O menino e operário,

Dr. Itagiba de Oliveira (1886-1923) Bacharel em Direito, brilhante jornalista, promotor de justiça e um dos vereadores de maior prestígio da Câmara Municipal de Muriaé durante o Governo do Dr. Silveira Brum, foi um dos personagens da "Revolta dos Turcos".

Philipe Fuina caiu ferido por uma bala e foi socorrido pelo capitão Modesto que o levou à Pharmácia Torres, onde foi atendido pelos Drs. Rodrigo, Lyrio e Otávio Torres. Com uma bala na face, cai ferido o operário José Mendonça. As famílias vizinhas fugiam à procura de abrigo. De espaço a espaço ouvia-se descargas de tiros. O povo atirava e procurava invadir as casas à procura de armas e munições. O delegado de polícia, Dr. Teixeira de Mello, enfrentando a fuzilaria, penetrou na Casa Colosso e retirou os donos da firma, Srs. Salim José e Pedro José e, para garantir a vida de ambos, conduziu-os provisoriamente à casa do médico Dr. Mário Braune, até que pudessem ser removidos para as dependências da cadeia pública.

O Doutor Miguel Timponi, um dos criadores do "Centro de Operários" de Juiz de Fora, advogou em Muriaé durante 2 anos e estimulou a classe operária a lutar por seus direitos. Advogou também em Belo Horizonte e escreveu o livro "A Psicografia ante os Tribunais".

O povo, queria invadir a qualquer custo a casa do Dr. Mário Braune e a farmácia do jovem Mário de Castro, a fim de linchar o "turco" Salim, só não o fazendo em virtude da ação enérgica e do conceito dos senhores Mário de Castro e Dr. Mário Braune, que também evitaram o bombardeamento e o incêndio da Casa Colosso.

Em diversos pontos da cidade, casas comerciais de libaneses foram saqueadas e travou-se tiroteio. No alto da Armação, quando a multidão se dirigia para atacar uma casa, o operário Manoel Moreira foi ferido casualmente. O policiamento agiu durante a tarde e a noite para acalmar os ânimos exaltados, impedindo muitas vezes a violência popular. Depois da meia noite, no entanto, foram atiradas dinamites na Casa Colosso. Cerca de 50 libaneses foram presos no dia seguinte, alegando a polícia que para a própria segurança daqueles imigrantes.

Telegrama datado de 02 de setembro de 1918, destinado ao Chefe de Polícia de Minas Gerais, reclama providências das autoridades estaduais e reiterando o pedido de um Delegado militar acompanhado de força policial, para garantir a vida e a propriedade de cidadãos pacíficos. O telegrama informa, inclusive, idênticas perturbações no distrito de Santa Rita do Glória (hoje Miradouro) em que a maioria dos árabes abandonaram suas casas buscando segurança em Muriaé.

Segundo testemunhas da época, o próprio consulado francês solicitou às autoridades brasileiras segurança para os libaneses residentes em nossa região, em virtude de o Líbano ser, à época, basicamente um protetorado francês.

Como podemos observar, a chamada "Revolta dos Turcos" foi mais um fato isolado, motivado por uma reunião inflamada, baseada em pressupostos econômicos mais ligados à conjuntura mundial do que à economia do nosso município. Os libaneses, por se despontarem no comércio, acabaram por serem responsabilizados por crise econômica que transcendia as fronteiras do nosso país e que só se amenizaria décadas mais tarde.

Fontes:
-O Alto Muriahé
-O Germinal
-Arquivo Público Mineiro
-Relato pessoal de participante com pedido de não identificação.

MEMÓRIAS DA PRAÇA JOÃO PINHEIRO

Seu nome já foi Praça das Dores, Quem diria? Mas ficou mesmo conhecida como a praça dos amores. Ali criou-se o termo "rodar praça" e os jovens de nossa cidade "rodavam a praça".

"Rodar praça" não se resumia em um simples andar ao redor da praça. Era muito mais do que isso. O homens, rodando em um sentido e as mulheres em outro, arquitetavam planos para os encontros. Todo um jogo de seduções fazia parte do contexto. O "flirt" era o olhar profundo, olhos nos olhos, cada vez que os olhares se cruzavam (duas vezes a cada volta na praça) e era o sinal inicial do interesse mútuo. A partir daí estava aberta a possibilidade do encontro, que se dava, quase sempre, junto ao relógio.

João Pinheiro da Silva foi governador de Minas Gerais de 1906 a 1908, quando veio a falecer. Neste ano, a principal praça da cidade que até então era chamada simplesmente de Jardim, recebeu o nome deste grande político mineiro. Aqui vemos a praça em duas épocas: 1910, quando foi inaugurado seu primeiro projeto paisagístico, e 1941, já com sua segunda feição e depois de inaugurado o relógio.

Não se usavam os termos "azarar" ou "ficar". Flertava-se e namorava-se e a Praça João Pinheiro era cúmplice nesse jogo de sedução.

Quantos romances ali se iniciaram e quantos olhares, ali também, jamais encontraram respostas e se perderam no horizonte da vida, sozinhos... apesar da praça.

A praça era um instrumento de vida e crescimento interior, mas não podia ser responsabilizada por nossos sucessos

ou fracassos no amor. Era apenas um instrumento, cujo efeito catalizador dava início às emoções, o resto era por conta da criatividade de cada um.

Os carnavais da Praça João Pinheiro foram inesquecíveis. Munidos de lança-perfume, os rapazes perfumavam as costas descobertas das moças (só os mal-educados atingiam os olhos) e elas respondiam com um "fricote", num misto de susto e alegria. Susto pelo impacto do éter frio e alegria pela escolha. Serpentinas e confetes completavam a alegria daquela João Pinheiro de outrora, onde se molhava a palavra nos saudosos bares "Café Jardim" e "Centenário", de tantas noitadas alegres.

E os bazares? O René, o São Cristóvão, a Futurista, a Barateira, a Casa Gusman, a Sedutora, a Casa Paulista, todos, com fazendas multicoloridas, exibindo nas calçadas peças de pura seda, tricoline, casimira, percal, chapéus Prada, tudo em sintonia com o gosto mais refinado e recente da capital federal. E os engraxates, com uma língua estranha de fonemas invertidos, que ganharam até reportagem em jornal da capital na década de 50.

De uma das extremidades da praça, a nossa ZYD-2, Rádio Sociedade Muriaé, em seus 1470 kilociclos, comandava o show de notícias na voz do Almir ou nas jornadas esportivas de domingo com o saudoso José Pires.

Poderíamos dizer que a nossa Praça João Pinheiro já foi palco de amores, de tragédias, de carnavais, de comícios e de comédias ou, poemizando:

Seu calçadão imenso estendia-se democraticamente
sob os pés de toda gente,
em sentidos de mão e contra-mão,
desde ninguém sabe quando,
sustentando sonhos e nutrindo as esperanças
dos que "rodavam a praça".

Os mesmos pés, às vezes outros os caminhos.
Um destino em cada passo
e a multidão de pés pela calçada...

Rápidos pés da inocência, em disparada.
Pés idosos, temerosos, vacilantes.
Pés compassados e firmes do destino certo
e os pés maliciosos dos amantes.

Um só caminho prá caminhos tantos,
em mosaico a calçada se estendia.
(ou de cimento fendido e ofendido pela multidão
de passos ou de chão batido pelos pés descalços).

A alma da praça estava ali e era suave
como a brisa de uma manhã de primavera
e nunca discriminou os passos sobre ela.

Um dia anfiteatralizaram a praça.
Tolheram-lhe o trajeto.
Dissiparam dezenas de metros de confidências
e de afetos.
O povo não "roda" mais a praça,
Mas comemora a vida em seu anfiteatro...

A praça em 1935: calma e bucólica.

O nosso Rio Muriaé

Na época das chuvas o rio Muriaé desce caudaloso da Barra ao Porto, ora em corredeiras fortes, assoreando margens, ora espraiando-se em remansos profundos, instigando mistérios em suas águas turvas.

Todo rio guarda em si lembranças de poesia e de mistérios. Os rios fazem parte da história humana. As sociedades se iniciam em povoados às margens dos rios. Ali surgem as cidades que, um dia, matarão o rio que lhes deu origem.

O rio Muriaé já foi soberbo. Percorria a cidade em correnteza forte e volumosa, arrastando tudo o que estivesse em seu caminho. Em tempos passados, ainda não existia a Av. Kubitschek. Uma ou outra rua estendia-se até ao rio, de resto, eram os quintais que lhe faziam fronteira. Quintais que eram verdadeiros pomares. Eram mangas, goiabas, sapotis, jabuticabas, pitangas, amoras, jambos e araçás...Algumas dessas frutas estão praticamente extintas em nossa região.

O Rio Muriaé em dia de águas límpidas e com suas águas barrentas em época de chuvas.

Na estação das chuvas o rio inundava esses quintais, levando para o seu leito, restos de frutos, insetos e outros materiais orgânicos que alimentariam seus abundantes peixes. E o rio seguia o seu caminho. Lá pelas bandas do Rosário, do Porto e da Encoberta, precipitava-se em cachoeiras, num murmúrio surdo e constante que se escutava a centenas de metros de distância, como lamentos de despedida do rio que partia.

Possuía uma parte navegável ou, mais precisamente, canoável, que ia da Prainha (após as corredeiras) até as proximidades da cachoeira do Rosário. Por ali circulavam canoeiros famosos, como o Sr. Manoel, o Clóvis, o Índio, o "Zé Mentiroso", o "Sô Lão", o Júlio

Fárria e tantos outros que fazem parte da história do nosso rio. A bordo de suas embarcações de vinhático, uns, em canoas estreitas e ágeis, pescavam os piaus, os lambaris, os cascudos e os bagres que àquela época eram abundantes em nosso rio. Outros, em canoas largas e mais lentas, eram os tiradores de areia que, munidos de conchas de ferro com longos cabos de bambu, retiravam a areia do leito profundo do rio, alimentando com o seu paciente trabalho, a construção civil em nossa cidade. Os hábeis canoeiros faziam a canoa deslizar sobre as águas do rio com longos bambus, cujas pontas, fincavam no profundo do leito e com as duas mãos forçando o bambu para baixo e para traz, impulsionavam a canoa para a frente.

Já houve tempo em que tomar banho no rio Muriaé era moda entre a rapaziada. Uns preferiam a prainha, na Barra, outros, nadavam nas águas mansas ao final do "Beco do Simplício", hoje, rua Júlio Brandão ou nos fundos do campo do Nacional, atrás da casa do Mário Venâncio, o grande craque do passado. Havia outros, mais audaciosos, que preferiam o mergulho, pulando das laterais da ponte de madeira ao final da rua Capitão José Justino, a "ponte do Dr. Brum".

Na década de 50 ainda não existia aquela ponte de madeira. Ao final da rua Capitão José Justino havia era uma ponte para pedestres, feita com quatro cabos de aço: dois na parte de baixo que sustentavam as tábuas do piso e dois na parte de cima que funcionavam como

Esquina da Rua Constantino Pinto com a rua que desce da Praça José Henrique Hastenreiter. Foto tirada no dia 13 de março de 1926, numa das maiores enchentes de Muriaé.

guarda-mão. E lá embaixo, as águas revoltas do rio à espera dos mergulhadores corajosos que dali se atiravam em mergulhos ousados. Muitos jovens aprenderam a nadar nas águas ameaçadoras do rio e muitos, ali também, perderam suas vidas. O rio às vezes era poesia, às vezes, tragédia. Seu leito guarda segredos e histórias incontáveis que se perderam no tempo.

Um dia, dinamitaram as cachoeiras do rio para evitar enchentes, como aquela memorável de 1946. As enchentes diminuíram mas o rio perdeu a sua grandeza e impetuosidade. Tiraram-lhe parte da alma, tiraram-lhe a majestade.

Mais raso e poluído a cada dia o rio Muriaé, clamando por socorro, segue o seu caminho de penúria, morrendo em cada cidade, em cada vila, em cada aglomerado humano por onde passa. Desviará de obstáculos naturais, em seus meandros caprichosos, mas não conseguirá se desviar dos homens que vão ao seu encalço, morar em suas margens e macular as suas águas. Depois, cansado e doente, pedirá emprestado o leito do Paraíba para cumprir o seu destino... realizar o sonho de ser mar.

Simbologia da Bandeira

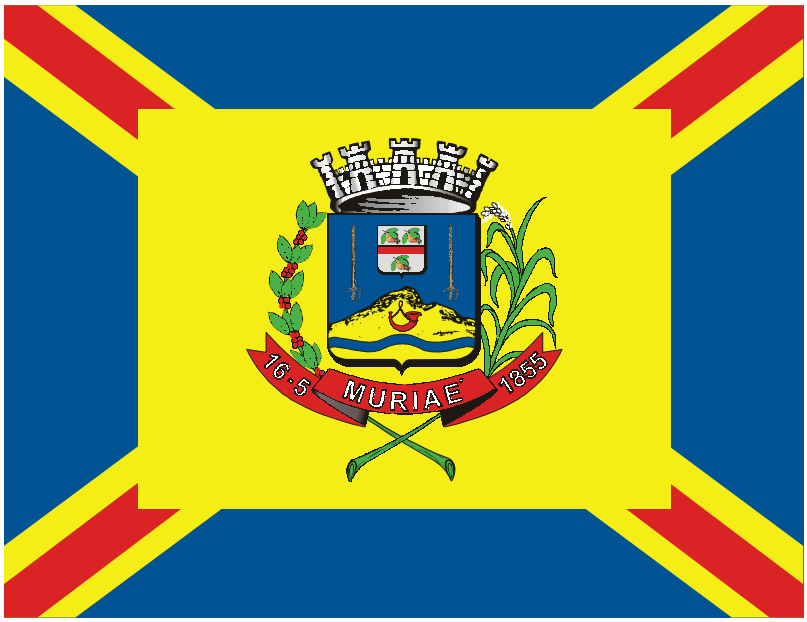
A bandeira municipal de Muriaé foi idealizada de acordo com as normas gerais da heráldica. Possui um fundo azul dividido em quatro partes por duas faixas que, partindo dos ângulos extremos da bandeira, cruzam-se no centro, sobre o qual é aplicado um retângulo contendo o brasão municipal.

O brasão, figurado na bandeira, representa o governo municipal e o retângulo amarelo que se encontra no centro da bandeira, onde é aplicado o brasão, simboliza a própria cidade sede do município.

A cor amarela é símbolo de glória, esplendor, grandeza, riqueza e mando. As faixas que partem do vértice da bandeira, amarelas com sobre-faixas vermelhas, representam a irradiação do poder municipal a todos os quadrantes do seu território. A cor vermelha da sobre-faixa representa, em heráldica, dedicação, amor-próprio, audácia, intrepidez, coragem.

Os quartéis em azul representam as propriedades rurais existentes no território municipal e a sua cor azul simboliza justiça, nobreza, perseverança, zelo, lealdade.

As bandeiras são ícones representativos de grande valor para as instituições que representam e por isso devem ser respeitadas e honradas.



SIMBOLOGIA DO ESCUDO

O escudo usado para representar o Brasão de Armas de Muriaé, instituído pelo decreto 147 de 05 de setembro de 1969, foi herdado de Portugal pela heráldica brasileira, evocando a raça latina colonizadora e principal formadora da nossa nacionalidade.

A coroa mural, ao alto do brasão, é o símbolo universal dos brasões de domínio. É prateada, com oito torres, das quais apenas cinco são visíveis. Esta coroa classifica a cidade na Segunda Grandeza, o que significa que é sede da comarca.

A cor azul do campo do escudo, simboliza em heráldica justiça, perseverança, zelo, lealdade, alegria e formosura.

Quanto às armas, o escudete de cor prata, cortado por uma faixa em vermelho e contendo três romãs dispostas triangularmente (duas na parte superior e uma na inferior), é uma homenagem ao desbravador da região, o indianista Guido Tomás Marliére, de cuja comitiva pertencia Constantino Pinto, o fundador da cidade.

As armas contidas no Brasão são de uma das mais nobres e ilustres famílias francesas brasonadas, da qual descende Guido Marliére. A simbologia heráldica das armas da família Marliére (ou Marlier) é a seguinte: A faixa que corta o escudo é a segunda das peças honrosas da França. Simbolizando o cinto do cavaleiro, a cor prata do campo significa paz, trabalho, amizade, pureza, espiritualidade. O vermelho simboliza dedicação, amor pátrio, audácia, intrepidez, coragem. As romãs estão dispostas triangularmente, simbolizando o chefe que defende qualquer fortaleza.

As espadas que ladeiam o escudete, douradas, e postas em riste, significam vigilância, defesa das leis de domínio e é o símbolo de São Paulo, o padroeiro da cidade e cujo nome figurou no primitivo nome de nossa cidade (São Paulo do Muriahé).

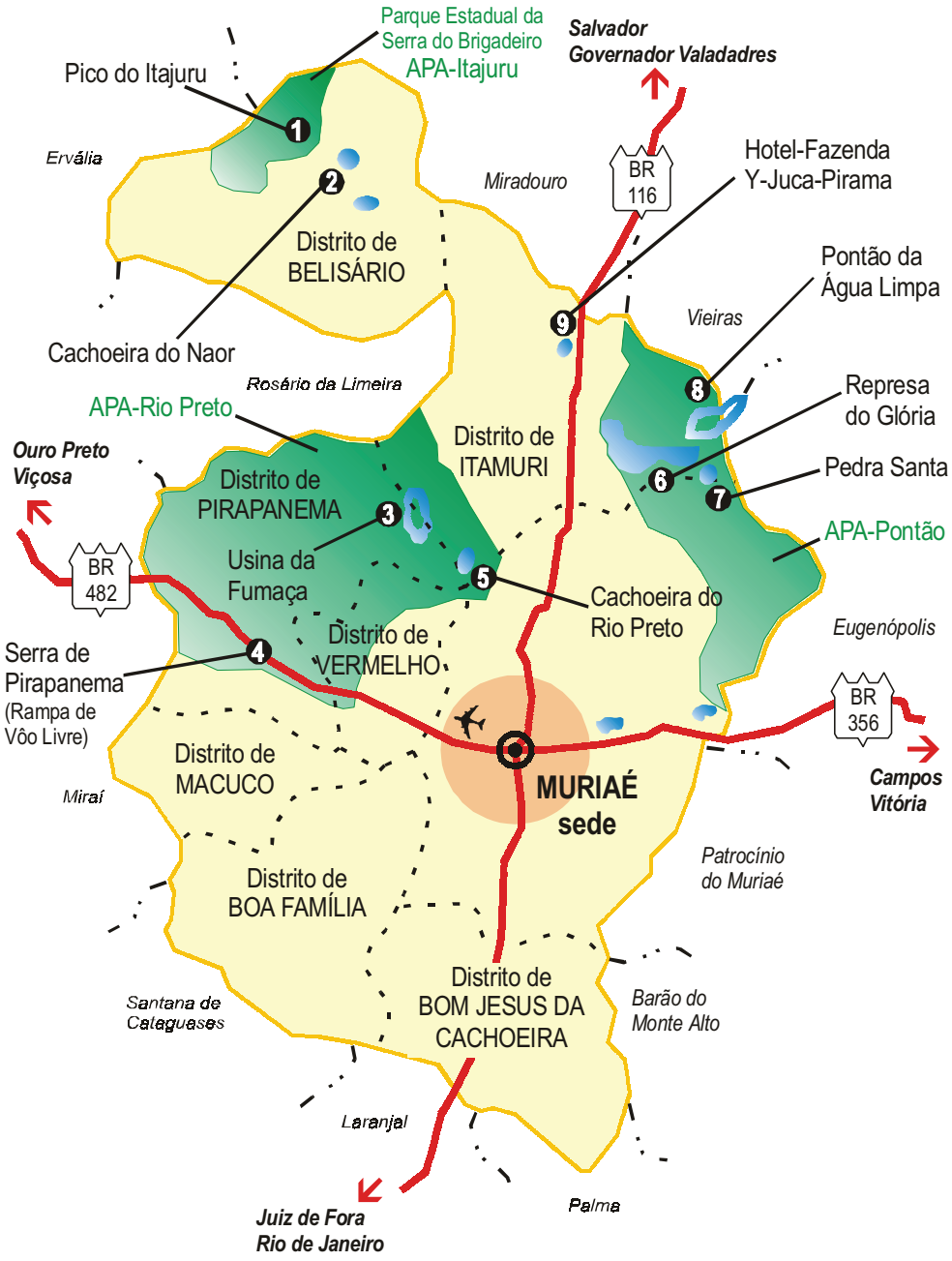
Escudo instituído pelo decreto 147 de 05 de setembro de 1969

Em ponta, o terrado em ouro, com elevação ao centro, está representando os dois principais acidentes geográficos do município: a Pedra de Santa Maria e o Rio Muriaé. A elevação traz uma buzina de caça estilo boiadeiro, em vermelho, lembrando a pecuária, uma das expressões econômicas do município. O café e o arroz lembram, no brasão, os produtos principais da terra fértil.

No listel vermelho, em letras prateadas, o nome da cidade de Muriaé, ladeado pela data de sua elevação a município: 16/05/1855.

Mapa do Município de Muriaé

Muriaé, seus distritos, Áreas de Proteção Ambiental e pontos turísticos.



Distâncias dos Principais Centros

Percurso	Quilômetros
Muriaé - Brasília - DF	1.129 Km
Muriaé - Belo Horizonte	364 Km
Muriaé - Juíz de Fora	180 Km
Muriaé - Rio de Janeiro	304 Km
Muriaé - São Paulo	647 Km
Muriaé - Vitória	340 Km

Distâncias dos Principais Pontos de Turismo Ecológico

Percurso	Pavimentada	Sem Pavimento	Total
Muriaé - Pico do Itajuru	29 Km	14 Km	43 Km
Muriaé - Rampa de Vôo Livre	17 Km	04 Km	21 Km
Muriaé - Pedra Santa	12 Km	10 Km	22 Km
Muriaé - Pontão da Água Limpa	12 Km	13 Km	25 Km
Muriaé - Usina da Fumaça	09 Km	11 Km	20 Km
Muriaé - Represa do Glória	10 Km	-	10 Km

DADOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO

ÁREA:

O município de Muriaé possui uma área de 842 km2 , distribuídos pela sede e seus sete distritos: Belisário, Boa Família, Bom Jesus da Cachoeira, Itamuri, Macuco, Pirapanema e Vermelho.

PONTOS MAIS ELEVADOS:

A altitude mínima é de 198 metros, na sede e a máxima de 1.580 metros, no pico do Itajuru, situado no distrito de Belisário.

LIMITES:

Muriaé limita-se ao norte com os municípios de Ervália, Miradouro e Vieiras; ao sul com Santana de Cataguases, Laranjal e Palma; a oeste com Rosário da Limeira e Miraí; a leste com Eugenópolis, Patrocínio do Muriaé e Barão do Monte Alto. A cidade tem as seguintes coordenadas geográficas: 21º 07' 50" de latitude sul e 42º 51' 59" de longitude a oeste de Greenwich.

BACIA HIDROGRÁFICA:

Compõem a bacia hidrográfica do município de Muriaé, os seguintes cursos d'água: Rio Muriaé, Rio Glória, Rio Preto e Rio Fumaça, completados pelo Ribeirão Sem Peixe, e os córregos da Armação e do Jacaré. As principais quedas d'água são as cachoeiras da Fumaça e da Encoberta.

TEMPERATURA MÉDIA:

O clima de Muriaé é o tropical quente e úmido com temperaturas variando entre a média máxima de 38º C e média mínima de 15º C, com uma média anual de 23º C.

Microrregião de Muriaé

ÍNDICE PLUVIOMÉTRICO:

A precipitação média é de 1.191 milímetros, tendo como época de chuvas abundantes os meses de outubro e março e esparsas entre abril e setembro.

Pesquisa: Secretaria Municipal de Educação
Profas.: Maria de Fátima Barbosa e Rita de Cássia de Matos Barroso Rodrigues

A EDUCAÇÃO EM MURIAÉ:

Muriaé destaca-se como pólo educacional em uma vasta região. Dotado de uma extensa rede de ensino, em seus diversos graus, o município de Muriaé possui um significativo número de alunos, desde a pré-escola até os diversos cursos de suas Faculdades de ensino superior.

O ensino, do pré-escolar ao Ensino Médio, conta com uma grande rede composta por 77 escolas da rede pública municipal, 36 escolas da rede pública estadual e 28 da rede particular.

Quanto ao ensino superior, Muriaé é atualmente um importante pólo educacional, com os cursos oferecidos por suas três unidades de ensino superior.

A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Marcelina, oferece os cursos de licenciatura em: Pedagogia, Normal Superior, Letras, Ciências Biológicas, Tecnologia em Desenvolvimento de Sistemas e Ciências com habilitação em Matemática, Física e Química.

A Universidade Presidente Antônio Carlos, cuja sede é em Barbacena, possui há alguns anos uma extensão em Muriaé e oferece os cursos de Técnico em Modas, Normal Superior e Empreendedorismo.

A FAMINAS – Faculdade de Minas, criada há quatro anos em nossa cidade, colocou-se, em pouco tempo, entre as dez maiores faculdades do Estado de Minas Gerais e oferece os cursos de Bacharelado em: Farmácia, Nutrição, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Educação Física, Serviço Social, Direito, Ciências Contábeis, Administração de Empresas, Jornalismo, Propaganda & Publicidade, Sistema de Informação, Turismo e Psicologia, perfazendo um total de 15 cursos, além de especializações em várias áreas. Ao final deste ano, a Faminas estará entrando com o pedido no MEC para transformar-se em Universidade.

A rede de ensino superior de Muriaé, pela qualidade dos seus cursos e pela variedade de áreas que oferece, atrai alunos das diversas cidades da região que para aqui afluem em busca de conhecimento. Em razão disso, Muriaé conta hoje com a presença, em seu meio de ensino universitário, de vários mestres e doutores em diversas áreas do conhecimento, além dos especialistas e graduados.

DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Com uma população em torno de 96.000 habitantes (51,49% do sexo feminino e 48,51% do sexo masculino) e um colégio eleitoral composto por 67.860 eleitores, Muriaé possui uma economia de significativa importância na região, razão pela qual se transformou, ao longo do tempo, em cidade pólo na Mata Mineira. Possui um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,773 (acima da média dos municípios brasileiros) e apresenta, atualmente, os seguintes dados estatísticos em sua economia, finanças e outros:

Imóveis Urbanos	**35.456**
Propriedades Rurais	**2.500**
Veículos registrados	**17.332**
Indústrias	**88**
Estabelecimentos Comerciais	**3.332**
Profissionais Liberais	**500**
Postos de Saúde	**28**
Escolas de 1º Grau	**88**
Escolas de 2º Grau	**7**
Escolas de 3º Grau	**3**
Rebanhos:	
Bovinos	**58.903**
Suínos	**16.560**
Eqüinos	**3.000**

Com uma renda per capita em torno de R$ 250,67, Muriaé possui uma arrecadação anual em torno de R$ 54.000.000,00. Sua economia gira em torno de uma diversificada produção agrícola baseada no cultivo do arroz, cana-de-açúcar, café, feijão, milho e uma variada fruticultura.

HINO A MURIAÉ

Música: **Lourdes Santelli**
Letra : **Cândida Theodora Cerqueira**

1
Florescendo num trecho risonho
deste grande e lindo país,
Muriaé tu nascestes do sonho
De um povo heróico e feliz.

2 - Estribilho
Muriaé, terra querida,
por um sol todo ouro banhada,
por um sol todo ouro aquecida,
serás sempre por nós venerada.

3
Em São Paulo tiveste padroeiro,
que tua sorte fiel governou,
transformando teu solo em viveiro
onde sempre a virtude medrou.

4 - Estribilho

5
Muriaé pelo bem e o dever,
o teu povo labuta a sorrir,
pra gozar do perene prazer
de gloriosa vitória a luzir.

6 - Estribilho.

7
Continua a subir sempre mais
pela senda do bem e da glória,
escrevendo com áureos sinais
frases lindas em nossa história.

8 - Estribilho

9
Salve terra de Minas heróica,
de imortal e feliz tradição,
fulgirás na flâmula histórica,
através de um rico brasão.

10
Muriaé, terra querida,
por um sol todo ouro banhada,
por um sol todo ouro aquecida,
serás sempre por nós venerada.

Prefeitos de Muriaé

1861 - 1936

01-Manoel Fortunato Pinto
1861 a 1866

02-Manoel Garcia de Mattos
1867 a 1868

03-Miguel Eugênio M. de Barros
1869 a 1874

04-Luiz Orozimbo A. Mesquita
1875 a 1878

05-Jerônimo Máximo V. Castro
1879 a 1880

06-José Maurício de Magalhães
1881 a 1882

07-Domiciano A. M. de Castro
1883 a 1884

08-João Freitas
1885 a 1887

09-Jerônimo M. Versiani e Castro
1887 a 1889

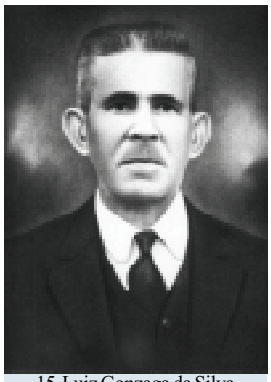
10-José Maria Figueiredo Ramos
1890

11-Antonio Dias Duarte
1891 a 1892

12-José Felippe dos Santos
1892

13-João Crisóstomo L. Magalhães
1893 a 1897

14-Manoel Correa do Prado
substituto em 1894


15-Luiz Gonzaga da Silva
1898 a 1900

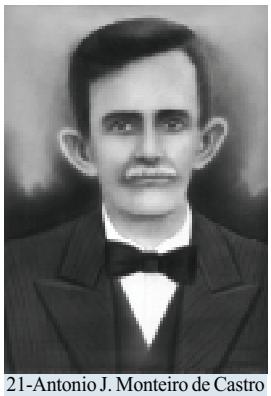
16-Júlio Cézar Susano Brandão
1901 a 1903

17-João B. Gonçalves de Oliveira
substituto de 1903 a 1904

18 - Antônio da Silveira Brum -
1905 a 1920

19-Olavo Tostes
substituto em 1916 e 1917

20-Antonio José Silveira Freitas
substituto em 1919


21-Antonio J. Monteiro de Castro
1920

22-Izalino Romualdo da Silva
1921 a 1926

23-Edmundo Rodrigues Germano
1927 a 1930

24-Afonso Augusto Canêdo
1931

25-Orlando Barbosa Flores
1931 a 1935

26-Rodrigo Rogério D. Castro
1936

27-Francisco Alves Assis Pereira
1936 a 1939

28-Geraldo Starling Soares
1939 a 1944

29-Pio Soares Canêdo
1945 a 1946

30-Antonio José M. de Castro Jr.
1946 a 1948

31-Francisco Theodoro A.Silva Fº.
1947

32-Cândido José Mont. de Castro
1948 a 1950

33-Dante Bruno
1951 a 1954

34-Antônio Soares Canêdo
1955 a 1958

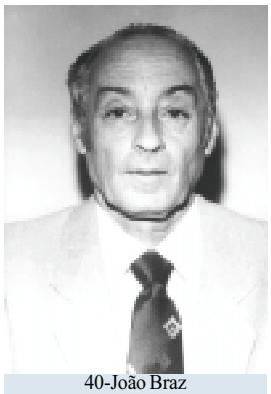
35-Dante Bruno
1959 a 1962

36-Hélio Alves Araújo
1963 a 1966

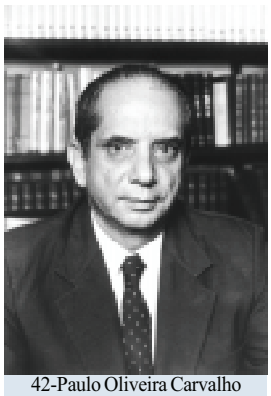
37-João Braz
1967 a 1970

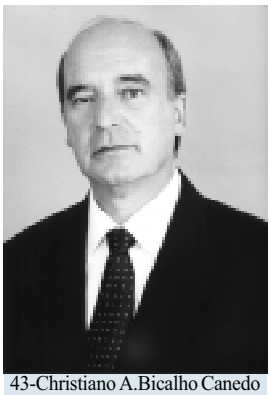
38-Cândido José Mont. de Castro
1971 a 1972

39-Paulo Fraga
1973 a 1976


40-João Braz
1977 a 1982

41-Hamilton Marinho
substituto de1979 a 1981


42-Paulo Oliveira Carvalho
1983 a 1988


43-Christiano A.Bicalho Canedo
1989 a 1992

44-Paulo Oliveira Carvalho
1993 a 1996

45-Carlos Fernando Costa
1997 a 2000

46-Odilon Paiva Carvalho
2001 a 2004

2005 - 2008

Poder Executivo

Prefeito:
José Braz

Vice-Prefeito:
Rodrigo Lopes Guarçoni

Secretários

Agricultura e Meio Ambiente: Francisco Ofeni Silva
Chefe de Gabinete: Rui Vale de Matos
Demsur: João Paulo Goulart de Freitas
Desenvolvimento Econômico: César Augusto Bianchi Botaro
Desenvolvimento Social: Eveline Castro do Amaral
Educação: Maria Amélia Queiroz Xaia
Fazenda: Carmem Lúcia Rodrigues Caldas
Fundarte: Gilca Maria Hubner Napier Porcaro
Planejamento e Administração: Ronaldo Guarçoni
Procuradoria: Daniela Braz Tambasco Mendes
Saúde: Marcos Guarino de Oliveira

Poder Legislativo

João Fiscal
1.132 Votos

Pastor Wilson Reis
920 Votos

Paulo Varella
1.059 Votos

Alexandre Pereira Feres
Antônio Augusto Pereira
Evilmerodaque Etiene de Mendonça
Helena Francisca de Oliveira Carvalho
João Batista Cândido Ribeiro
Joel Morais de Asevedo Junior
Lydio Miguel Bandeira de Melo
Odilon Fructuoso Braga
Paulo Roberto Portilho Varella
Vander Gonçalves de Oliveira
Wilson Caetano dos Reis Santos

Pr. Antônio Augusto
913 Votos

Dr. Alexandre Feres
1.075 Votos

Evil Mendonça
922 Votos

Helena Carvalho
1.284 Votos

Sargento Joel
2.038 Votos

Dr. Lydio Bandeira
1.185 Votos

Odilon Braga
1.436 Votos

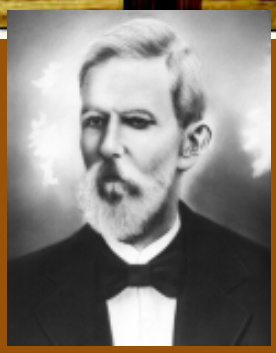
Vandinho
1.001 Votos

Muriaé
150 ANOS
1855 - 2005

Realização:

PREFEITURA MUNICIPAL DE
MURIAÉ
ADMINISTRAÇÃO 2005/2008
Compromisso com o Progresso

FUNDARTE
Fundação
de Cultura
e Artes de
Muriaé
A Fundarte faz a Cultura acontecer



O TEMPO, A MEMÓRIA, O RESGATE, A HISTÓRIA.

Construíram uma cidade os homens que venceram o tempo. Hoje, memórias podem ser folheadas dentro desta revista. Histórias retratadas aqui voltam à vida trazendo exemplos e nos apontando caminhos a seguir. Indicam o futuro num desafio ao tempo, numa reconstrução de memórias. A identidade de um presente que se enfrenta na esperança de um futuro harmonioso e possível.

Alexandre Augusto de Andrade Gomes